

INFORMAÇÃO FINANCEIRA

abril 2020

Estimados Clientes,

Todos estamos cientes do momento extraordinário que nos encontramos a atravessar.

Como seria de esperar, os mercados financeiros foram os primeiros a reagir ao surto pandémico pois, como habitualmente sucede, o comportamento das Bolsas de valores reflete as expectativas de evolução das empresas cotadas que, por sua vez, são afetadas pela situação económica e social dos países em que operam.

A partir do momento em que foi anunciado o estado de pandemia pela Organização Mundial de Saúde, desfizeram-se as dúvidas dos mais cétricos e todos assumimos que efetivamente estávamos perante um problema a larga escala que apenas tem paralelo com um cenário de guerra que a maioria da população ativa europeia teve a felicidade de não presenciar.

Com a responsabilidade de gerir da melhor forma as poupanças dos milhares de clientes que depositam a sua confiança em nós, a FUTURO tem vindo a acompanhar a situação dos mercados diariamente.

É nossa convicção que pelo facto das carteiras dos nossos Fundos se encontrarem devidamente estruturadas e diversificadas, se regressará rapidamente a um ponto de equilíbrio assim que possamos voltar à normalidade. Até lá, consideramos ser necessário atuar com prudência.

A Futuro mantém-se ao seu serviço, embora sem atendimento presencial, assegurando todas as operações e solicitações dos seus clientes.

Fazemos votos de boa saúde para todos os nossos clientes e estamos certos de que voltaremos em breve com boas notícias sobre a evolução dos seus investimentos.

José Luís Leitão
Administrador Executivo

Fale connosco 707 222 222



Mercados Financeiros

Apesar de 2020 se ter iniciado com uma evolução económica forte, o efeito do coronavírus fez-se sentir a nível global, com maior destaque a partir do mês de fevereiro, atingindo negativamente quer todos os principais **índices acionistas**, quer os **mercados obrigacionistas**.

Com efeito, desde o início do ano observou-se uma evolução negativa de -21,95% no *PSI20*, -25,59% no *Eurostoxx50* e -20,00% no *S&P500*. Contudo, assistiu-se já a uma recuperação a partir do início de abril, com estes mesmos índices a valorizarem-se 1,68%, 0,76% e 7,69%, respetivamente, entre 31-mar e 15-abr, em reação ao início do abrandamento da pandemia na Europa, bem como às medidas de estímulo anunciadas quer a nível europeu quer a nível dos EUA.

Nos **mercados obrigacionistas**, o comportamento do trimestre foi desfavorável, com subidas dos **spreads de dívida a 10 anos** na generalidade dos **países periféricos**, ainda que igualmente um pouco atenuadas pelas medidas do BCE, nomeadamente pela eliminação dos limites da compra de ativos de dívida. Na **dívida de referência**, as *yields* desceram quer na Alemanha, em ambos os prazos (-9 pb nos 2 anos e -29 pb nos 10 anos), quer nos EUA também no curto e no longo prazo, em -132 pb e 125 pb, respetivamente.

A OCDE cortou nas projeções económicas para 2020, onde admite que se prevê haver uma contração da economia mundial no 1º trimestre, devido à propagação do coronavírus.

A suportar: a assinatura da “Fase um”, em janeiro, do acordo comercial entre a China e os EUA; os dados maioritariamente favoráveis para os EUA, para o Reino Unido e para a Zona Euro, verificados até meados do trimestre, sem refletirem ainda os efeitos da crise do **Covid-19**, num contexto de dados mistos para o Japão; a aprovação do plano de estímulo histórico de dois biliões de dólares de apoio à economia dos EUA, primeiro no Senado norte-americano e, posteriormente, na Câmara dos Representantes; as declarações de *Jerome Powell*, que veio assegurar que a *Fed* ainda possui munições para combater o impacto económico do *Covid-19*.

A condicionar: as expectativas negativas relativamente ao controlo da pandemia e o seu impacto sobre a economia mundial, com os EUA a passarem, já mais para o final do trimestre, a apresentar o maior número de infetados de todo o mundo – mais do que os registados na China; os dados económicos referentes ao mês de março divulgados para as principais economias desenvolvidas, que deixam bem patente o impacto que a pandemia teve no derradeiro mês do trimestre; os dados referentes à Época de Resultados nos EUA relativos ao 4ºT2019, que revelaram que, no final do trimestre, o número de empresas que excederam as expectativas terminou o trimestre inferior ao do 3ºT2019 (76,0%).



Evolução Económica

Nos **EUA**, não obstante a forte performance nos dois primeiros meses do ano, perante o agravamento da pandemia, a *Fed* retomou as compras de títulos de dívida pública e privada e realizou dois cortes das taxas de juro no mês de março. Mais perto do final do mês, a *Fed* foi mais além, anunciando uma nova vaga de estímulos económicos ao avançar com um pacote ilimitado de compras de dívida governamental e de empresas. Foi ainda aprovado um plano de estímulo orçamental no valor de 2 biliões de dólares. Já em março, observou-se uma forte descida do PMI Compósito, para um mínimo histórico deste indicador criado em 2009 e os novos pedidos de subsídio de desemprego atingiram máximos também históricos, sendo quase cinco vezes superiores aos máximos de 1982. O PIB deverá observar um crescimento anualizado no 1ºT2020 entre -0,2% e 0,2%, revisto em baixa com o intensificar da crise.

Na **Zona Euro**, o BCE manteve as taxas de juro inalteradas mas anunciou um pacote de estímulos temporário para conter o impacto económico da crise do coronavírus. As medidas passam por um financiamento em condições favoráveis, para manter a liquidez no sistema financeiro, e por mais compras de ativos dos países da Zona Euro, agora sem limite, tendo sido acionando o mecanismo de Transações Monetárias Definitivas (OMT), criado por *Mario Draghi* em 2012. Os dados de atividade para a região, já referentes ao mês de março, tornam evidente o forte impacto negativo da pandemia sobre a economia neste final de trimestre, que se prevê vir a intensificar-se bastante no 2ºT2020. Também a primeira leitura do PMI Compósito, após o intensificar desta crise, revelou uma descida intensa para níveis mínimos históricos, sinalizando quedas do PIB de -0,6% para 1ºT2020 e de -2,1% no 2º trimestre. A inflação confirmou uma descida, em fevereiro, de 1,4% para 1,2%, afastando-se do target do BCE.

Em **Portugal**, a notícia do primeiro excedente orçamental da democracia portuguesa (de 0,2% do PIB) chegou com o país já em estado de emergência e a atravessar uma crise provocada pela pandemia. Quer o indicador de atividade económica do INE para a economia portuguesa, que desceu em janeiro, quer o indicador coincidente do BdP, que subiu em fevereiro, são ambos consistentes com uma expansão do PIB no 1ºT2020, contrariando as atuais expectativas, que apontam agora para uma forte contração.

Reembolso de PPR:

Lei 7/2020 de 10/abril vem permitir o reembolso até ao limite mensal do IAS (€438,81) para situações de desemprego e outras específicas relacionadas com a COVID19. Aplicável até ao fim do estado de emergência.

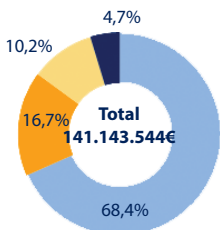
Mais informações em 707 222 222.

Composição das Carteiras dos Fundos de Pensões

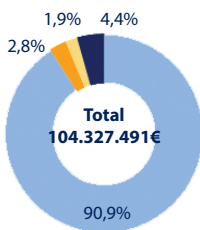
em 31/03/2020

■ Obrigações ■ Ações ■ Imobiliário ■ Liquidez

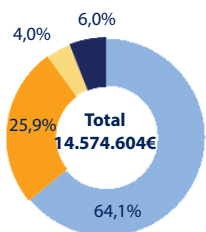
PPR 5 ESTRELAS



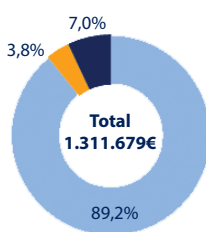
PPR GARANTIA DE FUTURO



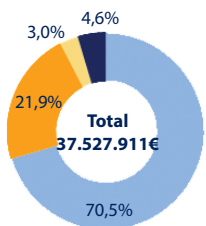
PPR GERAÇÃO ACTIVA



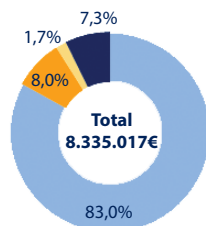
FUNDO FUTURO PLUS



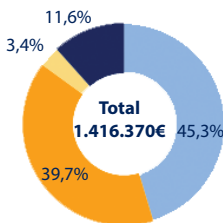
FUNDO VIVA



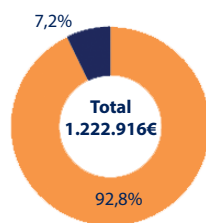
FUNDO FUTURO CLÁSSICO



FUNDO FUTURO XXI



PPA ACÇÃO FUTURO



www.futuro-sa.pt

FUTURO- SOCIEDADE GESTORA DE FUNDOS DE PENSÕES, S. A.

Entidade autorizada, supervisionada e registada na ASF - Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões com o n. 3805.

Tel.: 210416005 | apoioclientes@futuro-sa.pt